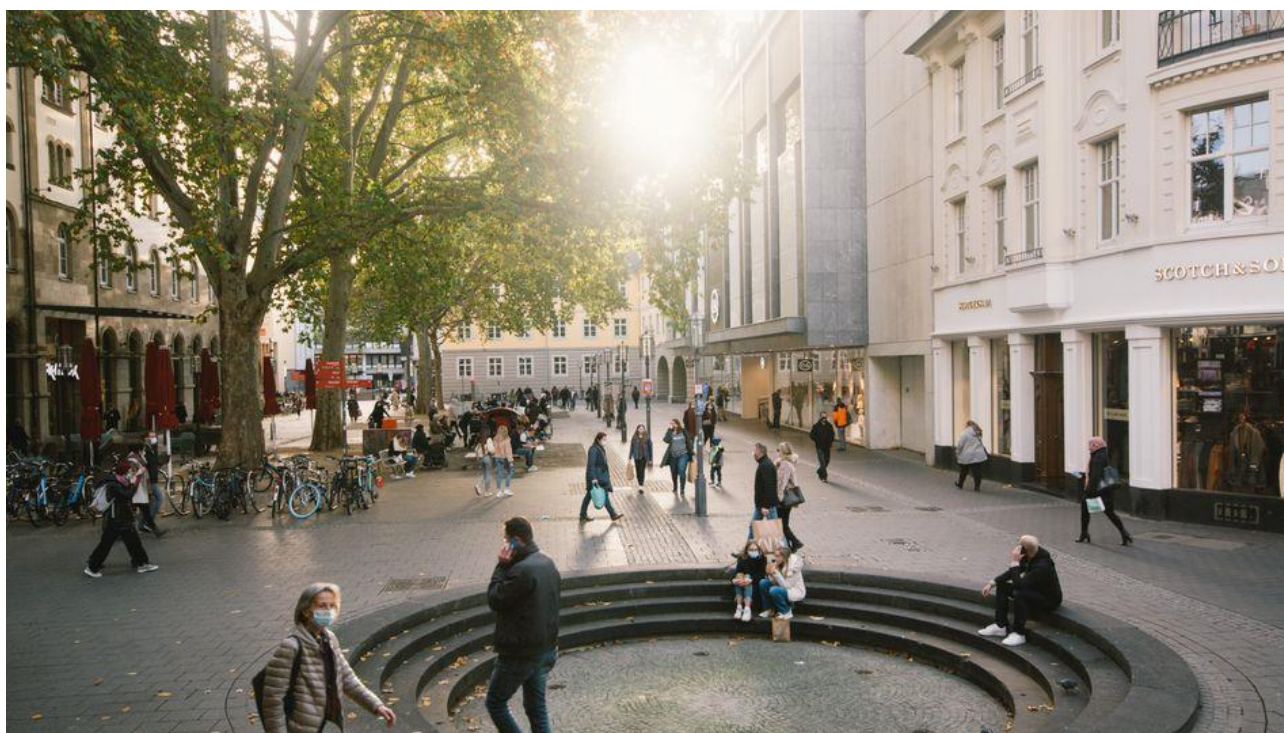


Estudo de simulação

Modelo para uma vida com o coronavírus

O Sars-CoV-2 tão cedo não vai desaparecer, quanto a isto há consenso entre os especialistas. Mas como daremos conta da pandemia nos próximos meses? Investigadores calcularam duas opções.

De Julia Merlot
26.11.2020, 21h29m



Há muito que o corona se faz presente nas nossas ruas (aqui, transeuntes em Bona): «Se mantivermos o grau de redução de contactos em vigor no actual confinamento parcial, o número de novas infecções diárias continuará em cerca de 20 000».

Foto: NurPhoto / NurPhoto via Getty Images

Temos de aprender a viver com o coronavírus. Esta afirmação surge constantemente durante a pandemia de Sars-CoV-2, mas continua por responder a pergunta sobre exactamente como conseguiremos tal coisa.

A equipa de investigadores coordenada pela física Viola Priesemann, do Instituto Max Planck para Dinâmica e Auto-Organização, analisou mais atentamente dois conceitos e estimou o que cada um deles significaria para cada um de nós e para a evolução da pandemia a longo prazo.

Duas opções de longo prazo

Priesemann especializou-se em simular processos de disseminação — por exemplo, de vírus. «Não foi ainda aprovada nenhuma vacina e ainda demorará algum tempo até ser distribuída junto da população», disse ela na quarta-feira em conversa com jornalistas. «Temos por isso de reflectir agora sobre que estratégia fará sentido nos próximos meses.»

Estão a ser debatidos sobretudo dois conceitos: é concebível focarmo-nos na ideia de manter o número de infecções e, em última análise, o número de doentes nos cuidados intensivos abaixo do limite das

capacidades dos hospitais. A alternativa seria pressionar no sentido de reduzir os números a ponto de ser possível um rastreamento fiável dos contactos.

Os cálculos da equipa que trabalha com Priesemann mostram uma direcção clara: uma vez que se consiga reduzir os números novamente para uma ordem de grandeza de cerca de mil por dia, as pessoas terão de restringir apenas pouco os seus contactos para conter o vírus a longo prazo, indicam os investigadores. Também os restaurantes e os cafés poderiam voltar a abrir, com regras de higiene.

Pelo contrário, muito tempo com números elevados de infecções significa grandes restrições permanentes, precisamente para impedir a sobrecarga das unidades de cuidados intensivos. Ao mesmo tempo, haveria mais pessoas doentes e mais mortos.

Menos doentes, menos mortos, mais liberdades

Com um número reduzido de casos, bastaria impedir 40 por cento dos contágios para estabilizar a disseminação e impedir um novo confinamento alargado, escrevem os investigadores no seu estudo previamente publicado.

Uma vez que ocorrem contágios através de contactos, isto significa que as pessoas teriam também de reduzir 40 por cento os encontros relativamente ao período antes da pandemia. Isto consegue-se mediante restrições relativamente moderadas dos contactos, dizem os cientistas.

A simples limitação dos participantes em grandes eventos a cem pessoas conduziria, segundo um estudo, a uma redução de cerca de 35 por cento dos contágios na população. Se reduzirmos a dimensão dos grupos a menos de dez pessoas, alcançar-se-ia uma redução de cerca de 45 por cento. Arejamento frequente, manter o distanciamento e usar máscara pode reduzir adicionalmente o risco de infecção, o que possibilitaria de outro modo mais contactos.

«Neste cenário, as pessoas teriam apenas de prescindir de relativamente poucos contactos e, de outro modo, beneficiariam de grandes liberdades», disse Priesemann. Ao mesmo tempo, o número de pessoas doentes e, logo, também de mortes diminuiria claramente. Também as consequências económicas seriam menores se os estabelecimentos da restauração pudessem reabrir.

Um último duro confinamento

No entanto, seria necessário um último confinamento duro para reduzir os números a ponto de se controlar novamente o vírus. «Neste momento, há tanta gente a contrair a infecção que as autoridades de saúde não conseguem reconhecer e isolar as pessoas infectadas antes de contagiarem outros», afirmou Priesemann.

Além do mais, cerca de dez por cento dos testes realizados são positivos. Este valor elevado é uma indicação clara de que as capacidades de teste não foram suficientes para verificar todos e, logo, também mais casos suspeitos injustificados. «Isto quer dizer que temos uma elevada subnotificação e, como tal, muitas cadeias de infecção que não é de todo possível travar.»

O objectivo deverá assim consistir novamente na redução do valor R para menos de 0,7, como aconteceu na primeira vaga, afirma a investigadora. Desta forma, seria possível reduzir pelo menos para metade o número de infecções por semana. «Do mesmo modo que, com um valor R acima de 1, assistimos a um crescimento exponencial, os números abaixo de 1 também descem exponencialmente.»

O efeito seria reforçado pelo facto de que, com um menor número de infecções, também seriam menos os casos que escapariam à nossa atenção. Se houver menos novas infecções, no futuro os testes rápidos poderiam também facilitar o controlo das infecções, explicou Priesemann.

Protecção contra superdisseminações no Natal

Se, com a ajuda das medidas agora tomadas pela chanceler Angela Merkel e os chefes de governo dos estados, se conseguisse reduzir o número de contágios mais cerca de 30 por cento, o número de novas infecções no período de 1 de Dezembro até ao Natal seria reduzido a cerca de 2 500 — e seria já uma situação relativamente fácil de controlar.

Uma semana adicional poderia reduzir o valor para cerca de mil. Para o conseguir até ao Natal, seria no entanto necessário impedir desde já cerca de um terço dos contágios actuais.

«Com um número reduzido de infecções e um arejamento regular dos espaços, poderíamos sem qualquer problema justificar facilmente as celebrações natalícias com dez pessoas de diferentes agregados familiares e respectivos filhos», afirma Priesemann.

A probabilidade de encontrarmos uma pessoa infectada numa destas celebrações seria reduzida, nas condições referidas. Além do mais, seria possível conter mais facilmente as cadeias de infecção iniciadas nos dias festivos (mais sobre este tema aqui).

Se a evolução regional das infecções se descontrolasse novamente, teriam de ser tomadas contramedidas de curto prazo em zonas circunscritas. As infecções que fossem trazidas dos países vizinhos poderiam, até certo ponto, ser contidas mediante o rastreamento dos contactos, diz Priesemann. «O melhor seria no entanto uma estratégia uniforme com o claro objectivo de manter reduzido o número de casos em toda a Europa.»

Reduzir perceptivelmente os contactos a longo prazo

O conceito alternativo, de reduzir o número de infecções até que fiquem dentro das capacidades de cuidados intensivos, significaria, pelo contrário, segundo o estudo, manter a situação actual a título mais ou menos prolongado. Há já casos isolados de hospitais que se dizem sobrecarregados. Há ainda possibilidades de transferir para outros estabelecimentos hospitalares, mas a margem de manobra vai sendo mais pequena.

«As restrições das últimas semanas levaram a uma redução do valor R de 1,4 para cerca de 1», explicou Priesemann. Isto significa que cada pessoa infectada, neste momento, pode contagiar uma outra pessoa.

«Se mantivermos o grau de redução de contactos do confinamento parcial actual, o número de novas infecções diárias permanecerá cerca de 20 000», diz a especialista. Eventuais restrições levariam a um novo aumento dos casos.

Segundo os cálculos da investigadora, com uma incidência elevada os contágios e, logo, os contactos têm de ser duradouramente reduzidos cerca de 60 por cento face ao período antes da pandemia, caso contrário serão novamente necessárias medidas de confinamento em todo o país.

Enquanto, com números de infecções reduzidos, seria necessário eliminar quatro em cada dez infecções e, logo, também os contactos, neste caso são seis em cada dez.

«A redução de 40 por cento dos contactos num cenário de baixa incidência é possível praticamente apenas prescindindo de grandes eventos e grandes encontros de pessoas, bem como com medidas de higiene. Para se conseguir prescindir de ainda mais 20 por cento dos contactos, seria necessário cancelar também aglomerados de pessoas claramente mais reduzidos — e mesmo isso talvez seja suficiente apenas no limite», explicou Priesemann.

Um problema de comunicação

Os efeitos secundários desta estratégia seriam, a par de um prolongamento de fortes restrições de contactos, um maior número de doentes e de óbitos e, conseqüentemente, uma maior sobrecarga do sistema de saúde, bem como vários milhares de pessoas permanentemente em quarentena.

«Isto também é desvantajoso para a economia», diz Priesemann. Além do mais, esta estratégia seria mais arriscada, já que se desconhecem ainda amplamente as conseqüências a longo prazo de uma infecção por Sars-CoV-2.

Priesemann vê no entanto uma dificuldade no cenário de baixa incidência: «É mais difícil comunicar este modelo de modo que as pessoas entendam, já que o rastreamento dos contactos é um critério mais abstracto do que unidades de cuidados intensivos a romper pelas costuras».

Artigo original: https://www.spiegel.de/wissenschaft/medizin/corona-wie-deutschland-langfristig-mit-dem-virus-leben-koennte-a-36104f45-87db-422e-9d5b-f237b6393e02?sara_ecid=nl_upd_1jtzCCtmxpVo9GAZr2b4X8GquyeAc9&nlid=rllbdrav

Pura Communications – Tradutora: Ana Pinto Mendes